

Panorama do teatro brasileiro em 1968.

Carlos Mateus da Costa Castello Branco

529

Este trabalho apresenta algumas observações e análises sobre o teatro em Brasília no ano de 1968, a partir de peças representadas na cidade e dados obtidos em pesquisa realizada no jornal *Correio Braziliense* daquele ano. As informações extraídas em artigos e críticas especializadas permitem o levantamento de algumas hipóteses, como a da sintonia do teatro de Brasília com o de outras capitais nacionais, parte de um movimento de resistência à ditadura militar, e como se deu a reação da classe teatral às arbitrariedades impostas pela censura do regime autoritário. Outra hipótese é a de que o teatro brasileiro tem como um de seus pilares desde a década de 60 o teatro comprometido com aspectos políticos e sociais. Importa também o resgate de informações sobre dramaturgos e obras de teatro da cidade, ainda pouco estudadas, o que pode permitir melhor compreensão dessa literatura dramática na atualidade.

O *Correio Braziliense* traz matéria reveladora sobre aquele ano, publicada em 28 de dezembro. A assinatura é “RDF”. Parece que o jornal se posiciona e faz questão de marcar aquele ano, o da publicação do AI-5, naquele mesmo mês, mostrando o quanto a cidade por meio da cultura, especialmente do teatro, posicionou-se contra repressão e fez dos palcos espaço para reflexão crítica da conturbada realidade sociopolítica. Os resumos das peças que foram montadas em Brasília, publicados em jornais, pareciam ter a missão de não deixar passar em branco o valor do teatro para a vida política. Sobre a peça *A Navalha na Carne*, a matéria traz o seguinte comentário: “a melhor de todas as peças de Plínio Marcos, que se constituiu num espetáculo de grande força dramática, graças à direção de Fauze Arap e magníficas interpretações de Tônia Carrero, Nelson Xavier e Emiliano

Queiros. A peça despertou grande interesse e o público compareceu em massa ao teatro." (Correio Braziliense, dezembro de 68).

Além de divulgar *Navalha na carne*, a matéria também traz um registro importantíssimo em termos históricos, pois faz referência à primeira companhia profissional de teatro montada na Capital, fundada por Carlos Petrovich, assessor de teatro da UnB, que montou apenas uma peça teatral. O espetáculo foi *O Caminho da Cruz*, de Henry Ghéon, levada no auditório da TV Brasília, Canal 6. Ainda segundo o jornal, engrossando o coro crítico do que havia naquele período, a matéria ressalta o pouco incentivo à cultura, "Foi mais uma iniciativa frustrada, por falta de estímulo, da parte de nossas instituições culturais e artísticas." Este fato noticiado mostra o quanto era difícil realizar as empreitadas artísticas, mais um indicador de que a repressão não favoreceu o afloramento de grupos de teatro.

O ano de 1968, segundo essa matéria, iniciou-se com grande expectativa sobre a ida de um grupo amador para o Rio de Janeiro. Tratava-se do grupo liderado por Sylvia Orthof com o nome de Jograis do Teatro de Estudantes de Brasília. A peça *Cristo x Bomba* foi a vencedora do V Festival de Teatro de Estudantes do Rio de Janeiro e, será analisada mais adiante. Foram várias as matérias que especulavam sobre a ida do grupo ao Rio, assim como as notícias sobre o desempenho do grupo no festival. A primeira nota foi do dia 17 de janeiro, na qual se especulava: "Integrantes do "O Ponto" dirigido por Sylvia Orthof, deverão participar do Festival Nacional de Teatros de Estudantes" (CORREIO, 1968, 2ª pg.). Já no dia seguinte a notícia era a de que a peça iria ao festival. O responsável pela escolha da peça foi Pascoal Carlos Magno, organizador do festival:

O grupo que representará Brasília no Festival promovido por Paschoal Carlos Magno é autônomo, dirigido por Silvia Ortof e integrado por estudantes de diversos estabelecimentos de ensino da Capital da República. Diversas firmas comerciais e pessoas amigas têm contribuído com o grupo... (CORREIO, 1968, 18/01/1968, 2ª pg).

Percebe-se que ainda havia indefinição sobre o nome do grupo que somente iria se definir após as matérias que noticiam o desempenho do grupo já no festival. De certa forma isso revela o amadorismo, não no sentido negativo, mas no sentido de

que havia um grande esforço para que o grupo de última hora conseguisse êxito na difícil empreitada que era fazer teatro naquele momento. A matéria ainda deixa claro que no caso da peça que iria ao Rio o apoio não foi da Fundação Cultural, e sim de particulares e amigos que se dispuseram a bancar materialmente a viagem do grupo.

No dia 4 de fevereiro sai outra matéria sobre o grupo cujo teor trazia o elogio de Orlanda Carlos Magno, irmã do embaixador Pascoal Carlos Magno, que dizia que até aquele momento *Cristo x Bomba* tinha sido a melhor peça apresentada no festival, o que determinava, ainda segundo a matéria, que a peça estaria credenciada para figurar entre as favoritas aos prêmios. O grupo era formado por: Sylvia Orthof, diretora; Luis Fernando Cosac, assistente de direção (estabeleceu longa parceria com a autora da peça em vários trabalhos se especializando na cenografia das peças de Sylvia Orthof); Marlui Nóbrega Miranda, Helena da Silva Guimarães, intérpretes; Sebastião Macedo, diretor musical; Ana Maria Nóbrega Miranda; Silvaen Levy; Antonio Augusto, Carlos Roberto Hedreia Neves; Alfredo Estáquio Pina, Jardelino Dias Souto; intérpretes, sra. Duila Nóbrega Miranda, responsável pela disciplina; e Ana Esther Cândido de Oliveira, diretora do espetáculo infantil. (CORREIO BRAZILIENSE, 18/01/68). Cabe ressaltar que o grupo também apresentou um espetáculo infantil no festival *O casamento de dona baratinha*, uma adaptação de Sylvia Orthof. Lembrando que a dramaturga tem grande produção voltada para o público infantil já na década de 60.

Outro aspecto que pode ser percebido a partir da interpretação da matéria do dia 4 de fevereiro era a necessidade que Brasília tinha de criar sua identidade cultural:

O espetáculo "CRISTO VERSUS BOMBA" foi escrito, produzido e dirigido por Silvia Orthof. O seu êxito no V Festival de Teatro de Estudantes poderá trazer um novo estímulo aos que lutam pela implantação de um teatro estável na Capital da República, sem contar com qualquer ajuda oficial. (CORREIO, 04/02/68, Capa do Caderno 2)

A matéria, por figurar na capa do Caderno 2, simboliza a importância e expectativa com relação ao desempenho do espetáculo de Brasília no Rio de Janeiro.

Normalmente as notas e matéria de teatro eram publicadas na 2ª página do referido caderno. Os prêmios anunciados nessa mesma matéria não foram recebidos nunca, segundo depoimento da própria Sylvia Orthof, independente da divergência de valores constatado entre o depoimento e a matéria. No jornal a premiação indicada para melhor peça seria de Mil cruzeiros novos. E Orthof faz a seguinte afirmação: “O prêmio de Cr\$ 1.500,00 nunca chegou a ser recebido...” (DUARTE, 2011, pg. 104). O que importa é a precariedade da promessa que não se sustenta, apesar do esforço do grupo e da qualidade da peça merecedora do prêmio.

Mas é no dia 24 de fevereiro que é publicada a matéria que traz a notícia da consagração da peça nos palcos do Festival: ““CRISTO VERSUS BOMBA”, de Sylvia Orthof, que se classificou em 1º lugar no Festival de Teatro de Estudantes, poderá ser encenada no Teatro Martins Pena, a partir do dia 25 de março.” (CORREIO BRAZILIENSE, 24/02/68, 2ª pág.) A matéria ainda trata das várias propostas que o grupo recebeu para a encenação da peça no Rio de Janeiro e destaca as do Grupo Opinião, Teatro de Arena e Maison de France e informa que Sylvia estaria escrevendo uma nova peça de título *Impróprio para 18* que nas pesquisas realizadas ao longo deste trabalho não foi encontrada.

Outro aspecto tratado nesta matéria é sobre a declaração de Sylvia que disse não ter recebido qualquer apoio da Fundação Cultural de Brasília que negou ajuda a peça, pois apesar de ter verba aprovada pelo conselho essa não chegou a ser disponibilizada. Reforçou a ajuda recebida pelo comércio da cidade. Ainda assim não perdia as esperanças com relação à Fundação, uma vez que havia trazido o prêmio de 1º lugar do Festival para Brasília, sendo que a peça concorreu com outras 41 em todo o Brasil e o jornal recupera a fala da diretora sobre a premiação no Rio: “Sylvia Orthof disse que sentiu sua maior emoção, no momento em que, anunciado o resultado, os 700 jovens de todo o país que participaram do Festival, levantaram-se e começaram a gritar: “Brasília, Brasília, Brasília” (CORREIO BRAZILIENSE, 24/02/68, 2ª pág). Portanto é notável que, naquele momento, existia uma vontade enorme por parte do teatro da cidade em se afirmar. Existia um orgulho muito

grande por parte do grupo e da diretora em conseguir o reconhecimento nacional do teatro de Brasília, mesmo sabendo das dificuldades que tinham que enfrentar, entre elas o desprezo oficial. Interessante e irônico o texto do jornal que avança a possibilidade da peça ser encenada em março na Martins Pena, ressaltando que isso só foi feito depois da consagração da peça no Rio.

Outro fato que vale a pena lembrar sobre o início do ano de 1968 é o anúncio da peça “Pluft, o Fantasminha” com a atriz Françoise Fourton, que depois se consagraria como grande atriz nos palcos brasileiros. A peça era encenada no auditório da TV-Brasília. Lembrando que esse foi o espaço onde no dia 24 de abril *Cristo x Bomba* seria apresentada.

No dia 3 de janeiro também é anunciada a vinda da peça *Oh! Oh! Oh! Minas Gerais*, de Jonas Bloch e Jota Dangelo, com grupo Teatro Experimental de Belo Horizonte, que de fato vem à Brasília e são vítimas da arbitrariedade da censura. Naquele momento o Teatro Experimental já contava com 10 anos de atividade e tinham como influência o teatro de Beckett, Ionesco, Brecht, Arrabal e outros. A peça trazia uma “visão panorâmica do espírito mineiro, tradição, folclore, tudo em forma de humor, poesia, música, dramatizações e informações” (CORREIO BRAZILIENSE, 12/3/68, 2ª pág). A peça contou com pesquisa histórica de Minas por seis meses. No entanto, o que irritou o poder foi a música do folclore mineiro “O peixe vivo”, que não pode ser cantada na peça, pois era um símbolo que traria a memória do presidente Juscelino Kubitschek. Ainda assim, as apresentações foram aplaudidas “delirantemente” (CORREIO, 14/03/68) pelo público de Brasília.

É interessante perceber que a cena teatral em Brasília dialogava com movimentos teatrais que tinham como fundamentos ações que estavam sendo levadas em outros eixos nacionais. A turma de Minas afirma segundo notícia do dia 15/03/68 que: “as experiências do Teatro de Arena de São Paulo demonstram claramente que, quando um grupo escreve suas próprias peças, com base na sensibilidade do público que frequenta, o sucesso é certo”. Portanto havia

compartilhamento de fazeres teatrais entre Minas, Rio, São Paulo, Brasília e Nordeste, uma vez que a maioria das peças apresentadas aqui também circulava em várias regiões do país. É o caso de *Um Uísque para o Rei Saul* que circulou em várias capitais nordestinas, e certamente essas peças ecoavam sua mensagem e estrutura teatral por onde passavam.

Reynaldo Domingos Ferreira escreveu sobre *Oh! Oh! Oh! Minas Gerais* no Correio do dia 17 de março, a seguinte crítica ao espetáculo: “Linguagem teatral bastante comunicativa, para fazer um estudo crítico, em tom de comédia, sobre o comportamento da gente mineira, em situações diferentes”. Sobre a censura da música: “O fato em si dispensa qualquer comentário, mas, ficará para ser narrado num próximo espetáculo de farsa e comédia que o Teatro Experimental de Belo Horizonte fica, desde já, a nos dever”.

E é o crítico que nos auxilia a compreender melhor o que se passava no teatro brasileiro e brasiliense à época. Ainda em princípios de 1968, em 02 de março, é publicada uma resenha sobre o livro *Teatro de Protesto*, de Brustein, em que além de tratar da importância da obra, dá um recado ao ministro Gama e Silva, depositando nele a esperança da classe de teatro. Afirma que o ministro da justiça prometera que o teatro não sofreria “novos atentados como o que perpetrou recentemente em Brasília” e ironicamente manda um recado para os censores: “E aos que têm a responsabilidade pelo clima de insegurança que existe hoje no meio artístico nacional recomenda-se a leitura de “O Teatro de Protesto”.

O crítico provavelmente se referia ao recente atentado ao teatro sofrido pela companhia de Maria Fernanda que em fevereiro teve o dissabor de ver a peça de Tennessee Williams, *Um bonde Chamado Desejo*, censurada. O caso é emblemático para mostrar como a censura operava de forma arbitrária e desastrada. Tudo aconteceu quando após as primeiras apresentações da peça em Brasília e depois de matéria publicada em 10 de fevereiro no Caderno 2 do Correio Braziliense, em que a atriz Maria Fernanda expunha suas opiniões sobre cultura, teatro e política. O conteúdo

de caráter engajado da matéria certamente atiçou a ira arbitrária da repressão. O programa ali trazido pode ser representado da seguinte forma: a atriz pedia por uma frente ampla contra o processo de aculturação pelo qual passava o país; clamava pela mobilização de todos os setores culturais; fazia crítica ao sistema educacional e propunha Brasília como centro irradiador de ações em prol do teatro e da cultura.

Foi o suficiente para que no mesmo dia a peça fosse censurada, notícia dada no expediente do dia seguinte: “Bonde vai à Justiça” (CORREIO, 11/02). O jornal trazia a notícia de que a Companhia já havia impetrado mandado de segurança para conseguir liberar o seguimento das apresentações da peça. No dia 13, o jornal publica a sentença que concedeu a liminar para que “O Bonde” voltasse aos palcos, uma vez que faltavam elementos na portaria que suspendeu o espetáculo que a justificassem. O juiz ainda fez questão de expor em suas razões o fato de existir carência na cidade de espetáculos do nível da peça censurada. E a companhia prosseguiu com as apresentações. O interessante é que nesse caso a motivação da censura não se deu, ao que tudo indica, pelo teor do texto dramático, e sim como represália ao exercício da liberdade de expressão e pensamento da atriz Maria Fernanda que dissera o que considerava imprescindível para que o cenário cultural brasileiro avançasse.

O ano de 1968 também foi marcado pelo I Seminário de Dramaturgia da Universidade de Brasília. A Universidade se ocupava também das discussões sobre o teatro e promoveu do dia 21 ao 25 de junho, o evento cuja programação era extensa e contemplava laboratórios, conferências e apresentações de peças. Na programação apresentada no jornal é possível ver os seguintes temas na parte de dramaturgia: estrutura de peça-diálogos; personagens e métodos de análise, situação dramática – componentes; gêneros teatrais, definição e evolução. Também se discutia Brecht conforme se verifica em um dos títulos da programação: “Bertolt Brecht: evolução e perspectivas”. Aquele foi um ano complicado para a universidade que foi vítima de várias ocupações policiais, mas ainda assim não deixou de cumprir com suas funções de reflexão da arte.

Uma das atrações do evento foi a conferência sobre o Albee e a Dramaturgia Americana Atual. No dia 22 de junho foi apresentado pelo grupo N.A.T.A (Núcleo Artístico de Teatro Amador) de Uberaba, trazidos pelo TUB – Teatro Universitário de Brasília, com direito a debate ao final da apresentação sobre o teatro de Albee a peça “A Estória do Zoológico”. Segundo a matéria do correio o convite para o evento ao redator se deu por intermédio de Sylvia Orthof em nome da assessoria de teatro da UnB.

Ao longo do ano de 1968 foram apresentadas as seguintes peças segundo resumo do Correio Braziliense: *Um Bonde Chamado Desejo* de Tennessee Williams; *Oh’ oh’ oh’ oh’ Minas Gerais* de Jonas Bloch e Jota Dangelo; *O Caminho da Cruz* de Henry Ghéon com direção de Carlos Petrovich; *A Navalha na Carne* de Plínio Marcos e direção de Fauzi Arape; *O Segundo Tiro* de Robert Thomas; *O Mundo Moderno* de Jude Christian com direção de Abrier Cândido Lima; *De Brecht a Stanislav Ponte Preta – (A Exceção e a Regra e O Festival de Besteira que Assola o País)* – grupo Mini-Teatro da Guanabara; *O Burguês Fidalgo* de Molière pela Companhia de Paulo Autran; **Um Uísque para o Rei Saul* de Cesar Vieira com direção B. de Paiva, *Dona Patinha vai ser Miss* de Artur Maia com direção de Amaury Canuto, pelo Grupo Mensagem; *A Farsa da Boa Preguiça* pelo Grupo Mensagem; *Os inimigos não mandam flores* de Pedro Bloch, pela Companhia Dirceu Mattos com direção de Dirceu Mattos e Ioni Storni; *Uma Janela para o Sol* de Pedro Bloch pela Companhia S. G. Mucury e *Pinóquio*; *Luz de Gás* de Patrick Hamilton e direção de Antônio Cabo; *Le Jeu de L’amour ET Du Hasard* de Marivaux pela Companhia Jean-Laurent Cochet e *La Nuit D’octobre* poema dramático de Alfred Musset; *Bonecos Dada* pelo Teatro Universitario de Brasília; *O Urso e Os Malfeitores* de Anton Tchekov com direção Getulio Alho pelo Teatro Universitário de Brasília; *Histórias para serem contadas* de Oswaldo Dragún com direção de Getulho Alho pelo TUB; *Quando as Máquinas Param* de Plínio Marcos; *Dois perdidos numa noite suja*; *Brasília Fórmula 1* de Sérgio Neto; *E então Doutor* de Irene Carvalho com direção de Afonso Fabre; *Morte e Vida Severina* de João Cabral dirigida por Sylvia Orthof. Observa-se que o jornal não fez o devido registro à apresentação da peça *Cristo x*

Bomba de Sylvia Orthof, que além de ter sido vencedora do festival no Rio de Janeiro teve temporada em Brasília, assim como em Paris em dezembro de 1968.

Certamente foi um ano para Brasília e para o país que anunciava os horrores que estariam por vir após a publicação do AI-5 e que marcou a história recente do Brasil. O teatro na cidade representava toda a vontade de luta contra a ditadura militar e o público brasiliense contava não só com a produção local voltada para a contestação, mas compartilhava da cena nacional que tinha a cidade como um dos principais palcos no país, depositando ali também a esperança por dias melhores.

Referências

ARAÚJO, Celso. *A Cidade Teatralizada*. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.

CORADESQUI, Glauber: *Canteiro de Obras: notas sobre o teatro candango*. Brasília: Enzima Cultural, 2012.

Correio Braziliense

DUARTE, Maria de Souza. *A Educação pela Arte: o caso Brasília*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2011.

GURGEL, Antonio de Padua. *A Rebelião dos Estudantes (Brasília, 1968)*. Brasília: UnB, 2002.

ORTHOF, Sylvia. *Cristo x Bomba*. Texto datilografado.

SBAT - REVISTA DE TEATRO nº 436, *Um Uísque para o Rei Saul*.

VILLAR, Fernando Pinheiro e CARVALHO, Eliezer Faleiros de: *Histórias do Teatro Brasiliense*. Brasília: UnB, IDA, Artes Cênicas, 2004.

WILLIAMS, Tennessee. *Um Bonde Chamado Desejo*. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2004.